

MEMÓRIAS E IMAGENS DO SERTÃO: TRABALHO, COTIDIANO E SOLIDARIEDADES EM RIACHÃO DO JACUIPE, BAHIA, 1960-1970.

Suzana Souza Moreira de Almeida*

Resumo: *O mundo do trabalho rural revela diversificadas práticas que articulam experiências e trocas sociais em ações de solidariedade. Essas ações se baseiam em valores morais e na reciprocidade, revelando para além da troca de serviços entre amigos, parentes e vizinhos, outros valores de um viver dinâmico e complexo, fundamentado na comunidade. Investigando a lida e a luta das famílias trabalhadoras jacuipenses, no cenário da pequena agricultura familiar, busca-se neste artigo, a partir de memórias e imagens destes sertanejos, as experiências de trabalho coletivo solidário, os seus significados, importância e possibilidades no enfrentamento dos problemas cotidianos da sobrevivência.*

Palavras-chave: Sertão; Trabalho; Solidariedades.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto é parte de um estudo mais amplo sobre a reprodução camponesa de uma área do sertão baiano. Trata-se das práticas de trabalho coletivo solidário, no cenário da pequena agricultura familiar, no município de Riachão do Jacuípe, na década de 1960. As famílias camponesas jacuipenses se dedicavam em grande parte ao plantio do feijão, milho, batata-doce, mandioca, palma e sisal, este último cultivo destinado exclusivamente à comercialização, e à pequena criação de galinhas, porcos, carneiros e algumas cabeças de gado.

A década de 1960 marca o início do processo de transformações estruturais na cidade e no campo brasileiros; neste último espaço, marca o desenrolar de um processo de desenvolvimento econômico e político pautado na expansão da concentração fundiária e nas imposições da agricultura capitalista.

Sendo impossível dar conta da multiplicidade e complexidade das formas camponesas de resistir e reorganizar-se frente a estas transformações, principalmente à lógica de expropriação-exploração imposta pelo modelo de desenvolvimento vigente, serão analisadas algumas ações de solidariedades próprias do modo de vida destes camponeses, que nesse momento tem os seus significados reforçados.

SOLIDARIEDADES

O cotidiano da agricultura camponesa jacuipense revela diversificadas práticas que articulam experiências, saberes e trocas sociais em solidariedades. Nesse conjunto de relações compartilhadas, as ações de solidariedade se configuram como práticas socioculturais indispensáveis à vida no campo, revestidas de significados, importância e possibilidades.

A troca de alimentos produzidos no quintal entre vizinhos, o adjutório na construção da casa de um amigo, a realização de partos e os cuidados da parteira com a “parida” e a criança, a feitura de chás e rezas para um parente doente e o auxílio aos que perderam um familiar permeiam o cotidiano das famílias trabalhadoras, estabelecendo entre elas sociabilidades identitárias dos seus modos de vida, orientadas por laços de confiança e pela reciprocidade.

* Graduada em História pela Universidade Católica do Salvador. E-mail: anazussma@yahoo.com.br. Autora.

Essas relações revelam para além da troca de serviços entre amigos, parentes e vizinhos, outros valores de um viver dinâmico e complexo, baseado principalmente na comunidade.

Entre as famílias trabalhadoras jacuipenses, uma das formas de enfrentamento dos problemas cotidianos da sobrevivência era e continua sendo a prática de trabalho coletivo solidário, que para além de uma forma de organização dos trabalhadores em relação aos processos de reprodução material da existência, significava o revigoramento de outras relações indispensáveis nas vivências camponesas: “Era muito bom porque lá já fizemos mutirão até pra fazer a terra, a limpeza da terra. A gente trocava dijitório [adjutório] com um ou outro”¹.

“Era muito bom”, rememora Miguel recordando a década de 1960, “o tempo da roça”, da sua mocidade e da morada com os pais em terras que foram do seu avô. Esse tempo “bom” é rememorado também como o tempo da ajuda, do mutirão “até pra fazer a terra”. Aparece em evidência na memória do agricultor, hoje com 51 anos, o tempo em que prevaleciam as relações tradicionais de convivência e de produção na lida destes camponeses. Um tempo que, no entanto, começava a se modificar, principalmente em relação à expansão da agricultura capitalista no local.

O mutirão, também conhecido como adjunto ou adjutório se destina à prestação de auxílio em trabalhos de roça, como o plantio e a colheita do milho, feijão e mandioca entre as famílias que não podem custear trabalhadores assalariados. Esta prática não se realiza gratuitamente, nem tampouco se limita ao trabalho braçal no roçado. O mutirão na lógica da agricultura camponesa está fundamentado na reciprocidade, garantindo a reprodução material e simbólica das famílias trabalhadoras, ou como escreve Mauss, sobre a extensão do potlatch na Melanésia, estabelece a regra do dom – o dom de dar, receber e retribuir (1981, p. 381). Conforme expressa Miguel: “A gente trocava dijitório com um ou outro”, o que sugere uma espécie de obrigação mútua, ou a criação de um condutor moral coletivo indispensável para a realização desta prática.

Dentre as ações de solidariedade usuais pelas famílias trabalhadoras jacuipenses, destacam-se as batatas ou batalhões de milho e feijão e bois-roubados, constantemente rememoradas pelos camponeses:

Quando tinha bata de feijão, que os homens tava batendo dizia: a bata de feijão tá perto de acabar, os homem vai bater, as muié biatar, tá entendendo. (...) Você vê a solidariedade que eles ajudava um ou outro. Quer dizer que tinha muito feijão, aí juntava assim dez, quinze, vinte, trinta homens, amigos ali, vizinho né, aí as mulheres ia também, as mulheres batia também, ajudava a biatar, ajudava a bater também. Tomava a cachacinha, muito gostosa, tá entendendo, e aí a bata era acompanhada de uma folia, de uma festa, era uma festa, era tipo uma brincadeira, tá entendendo².

A bata consiste numa reunião de trabalho, com o objetivo de tirar o feijão da casca ou o milho do capuco após a colheita, em auxílio a algum amigo ou parente vizinho.

Bata de milho, de feijão, sabe como é? A gente plantava aquele feijão e aí quando era no dia de bater, a gente arrancava o feijão, fazia aquela roda de feijão arrancado, aí quando secava se trazia pra roça, pra porta do fazendeiro ou de qualquer agricultor né, aí barria aquele terreiro bem barrido, botava o feijão e aí se chamava um bocado de gente, se chamava muita gente com as varas bem comprida e aí batia o feijão e aí ensacava, (...) e se cantava aquelas musgas bonita: bata de feijão tá perto de acabar, agora vamos todos [risos], olha bata de feijão tá perto de acabar, o povo tá dizendo que a chuva vai chegar. Aí cantava

¹ Miguel Souza Carneiro. Pequeno agricultor. Nasceu em Riachão do Jacuípe. 51 anos. Entrevista realizada em Riachão do Jacuípe, onde reside. Depoimento citado.

² Adalberto Carneiro Guimarães. Pequeno agricultor. Nasceu na Fazenda Mansinha, Riachão do Jacuípe. 64 anos. Entrevista realizada em Riachão do Jacuípe, onde reside. Depoimento citado. *Biatar*, segundo o depoente, significa “peneirar o feijão, colher o feijão, limpar”.

assim até que batesse o feijão ou o milho, era muito bonito, muito lindo, hoje não se vê mais isso³.

A memória é um processo de construção seletiva, portanto, o ato de lembrar ou esquecer significa, entre outras questões, a preservação daquilo que se tem como importante (FERREIRA, 1991, p.14). Nesse sentido, a depoente ao rememorar as batatas de milho e feijão faz reviver importantes práticas que foram transmitidas a ela pelos seus pais e que ela transmitiu aos seus filhos num processo de ensino e aprendizado em constante (re) elaboração. Ao recordar que “era muito bonito, muito lindo, hoje não se vê mais isso”, revela “aquilo que foi e que não é mais”, evidenciando, na sua fala, que a tradição e os costumes não são estáticos e se transformam no tempo (JOUTARD, 2002, p. 1). Nesse sentido, as batatas de hoje não são bonitas aos seus olhos por motivos diversos – a ausência dos mais velhos, sobretudo os sambadores e cantadores, a saída dos filhos e outros jovens do povoado em direção aos centros urbanos, a chegada da “modernidade” – que significam marcos cronológicos de mudanças significativas (ARRUDA, 1999, p. 128).

As ações de solidariedade no sertão baiano foram também registradas pelo memorialista Sampaio (s.n., s.d.):

O terreiro da casa é preparado bem varridinho e cuidado. Sobre ele, fazem uma pilha enorme de pés de feijão bem seco, com suas vagens ainda presas. Cantando com muito entusiasmo e ritmo vão circulando e batendo com um cacetinho e suspendendo com os pés a palha que vai se desprendendo ao som de música apropriada. Em dado momento, em todo o círculo, levantam com os pés a beira do parreio, sacudindo-o ao alto, facilitando as bagas se desprenderem.

O registro de Sampaio, assim como os testemunhos analisados, indicam que o mutirão se desdobrava numa festa, manifestação maior do sucesso do trabalho coletivo. O caráter festivo desta prática criava um ambiente todo propício ao repertório de cantorias, desafios e causos que noite adentro animava todos, principalmente crianças e velhos que também se empenhavam nas atividades. Os trabalhadores, ao realizarem as batatas e bois-roubados, celebravam o sucesso do trabalho empreendido nos roçados “cantando”, “tomando uma cachacinha”, “brincando”, pois a solidariedade é uma festa, residindo aí a sua peculiaridade em relação a outras formas de trabalho: articular trabalho e divertimento, corpo e pensamento. Sobre esta questão, Nascimento (2003, p. 35) traz uma importante contribuição:

O mutirão cumpria um papel social bastante importante na vida do sertanejo. Adotado em pequenas propriedades, era utilizado para a derrubada da mata, a semeadura, a limpeza da roça, a colheita, a edificação de casas, a construção ou conservação de estradas vicinais, o fechamento de um braço de rio para a realização da pesca, a conservação de açudes etc. Mas não era só isso, o mutirão não era exclusivamente uma atividade árdua, cumpria uma função ética e lúdica: além de traduzir-se num compromisso dos que pertenciam àquela coletividade, também ensejava um dia de festa, pois o trabalho não se dissociava da alegria e nem da satisfação em ajudar o próximo. Como uma forma de trabalho cooperativo, o mutirão assegurava a reprodução de um estilo de vida que, para enfrentar a escassez de recursos, fortalecia os laços comunitários de pertença, sendo, portanto, um mantenedor de laços de sociabilidade primária (cuidar do que é seu, é cuidar do que é de todos e vice-versa).

Além de um momento lúdico, das histórias e “causos” do tempo dos “antigos”, a reunião dos camponeses nas batatas e bois constituía-se também como um momento de troca de idéias, de

³ Regina de Almeida Santos. Trabalhadora rural/ex-professora do MOBREAL. Nasceu em Riachão do Jacuípe. 60 anos. Entrevista realizada em Feira de Santana. Reside em Vila Aparecida, km 74, Riachão do Jacuípe.

socialização das informações e de conversas sobre os mais variados assuntos como o preço dos produtos, as secas, o ano agrícola, etc.

As experiências de trabalho coletivo solidário entre os camponeses jacuipenses revelam a resistência de relações de trabalho não necessariamente ditadas pelo capital, não mercantis. As batatas, bois-roubados e outras sociabilidades do trabalho coletivo solidário demonstram um outro sentido do econômico, que resiste às regras de mercado, diferentemente da maioria das relações de trabalho na agricultura capitalista, disciplinadas pelo relógio e pelo lucro. No relato abaixo, percebemos que a ajuda mútua entre as famílias camponesas jacuipenses se orientava por regras construídas pelo grupo:

O boi roubado era muito bonito. De madrugada, o camarada, quatro horas da manhã via o foguete estrondar lá no pasto e o boi cantar, aí a gente se virava, era uma festa. Aí tinha safra no tempo da colheita aí pronto: ali ele plantava muito milho, tinha, tinha vez que fazia duas batatas de milho no ano, aí juntava a comunidade todinha em peso, aí um ia porque todo mundo plantava, a maioria, ele tinha cunhado, mais dois cunhados, que morava tudo vizinho, aí todo mundo plantava, aí era um ajudando o outro. *Parranca de farinha* era a mesma coisa, lá ninguém pagava a ninguém, todo mundo ajudava um ao outro e até no próprio trabalho do sisal era solidário. Às vezes você chegava ali, você fazia o trabalho de outro sem, se o outro não pudesse, você fazia sem distinção, era por que era quase da família, tudo em família⁴.

O boi-roubado é outra prática de solidariedade usual entre as famílias camponesas (CALDEIRA, 1983, p. 167; SANTANA, 1998, p. 53). Nesta forma de mutirão vários trabalhadores surpreendem um vizinho – a particularidade desta prática é justamente o seu revestimento de surpresa – para ajudá-lo em trabalhos de roçagem, capina ou plantio. O trabalho começa antes do amanhecer, em meio a cantorias e sob o espoucar de foguetes e rojões: “A maioria não sabia tá entendendo? Mas alguns sabiam. Mas era muito escondido, aqui a certa era roubar o boi”⁵.

Um batalhão formado por amigos, parentes e vizinhos se encarregava do trabalho no roçado da família “roubada”. O trabalho no boi-roubado assim como nas batatas é um trabalho cantado pelos trabalhadores, os motivos os mais variados, entre eles o cotidiano e a luta dos pequenos contra as secas e contra os grandes.

O momento mais expressivo desta prática é a chegada da bandeira. Símbolos da solidariedade do grupo e do sucesso do trabalho, a bandeira e a festa assumem grande importância nos depoimentos citados. O momento da chegada da bandeira anuncia a festa que deve ser compartilhada por todos os envolvidos. É o momento da celebração e como uma boa festa tem muita comida e bebida, muita música e dança, entre outras expressões de fartura e alegria:

A gente fazia era capinar a terra, no princípio do inverno e quando já o milho tava plantado, capinar o milho, capinar o feijão. De noite o dono tava dormindo, quando acordava não tinha mais jeito. Tinha cinquenta, sessenta amigo na roça, o que é que ele iria fazer? Receber e agora adquirir a comida, matar o carneiro, matar o porco (...) tá entendendo? E era, aí agora era uma festa, trabalhava até seis horas, seis horas vinha com a bandeira, cantava a bandeira, a bandeira era a chegada do boi roubado, tinha, quer dizer, à tarde vinha né, tinha chegado de madrugada e tinha chegado na porta, só vinha pra porta de tardinha, aí vinha com a bandeira, aí cantava a bandeira, aí todo mundo entrava, ia tornar se alimentar e aí agora ia ter o samba, ia sambar e as mulheres brincava brinquedo de roda até de manhã⁶.

⁴ Miguel Souza Carneiro. Depoimento citado. A parranca de farinha, segundo o depoente, significa “arrancar a mandioca na roça pra poder fazer farinha”.

⁵ Adalberto Carneiro Guimarães. Depoimento citado.

⁶ Adalberto Carneiro Guimarães. Depoimento citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dar, receber e retribuir a ajuda de vizinhos, amigos e parentes significava ter o respeito e a consideração do grupo, significava ter construído importantes relações como à amizade, uma das principais regras que orienta esta prática. No entanto, as ações de solidariedade não eliminam a existência de conflitos e tensões entre os camponeses.

Nos termos da experiência da agricultura camponesa jacuipense as ações de solidariedade se constituíam como estratégias vitais. De um lado, garantindo a reprodução material da existência. De outro, revelando um caminho alternativo do viver rural, um outro sentido do econômico forjado no cotidiano do trabalho na terra, o qual inclui ações que se distanciam do lucro e se enfrontam em outros valores.

As vozes dos sertanejos sobre suas experiências de trabalho, especialmente sobre as práticas de trabalho coletivo solidário, possibilitam uma visão mais ampla do sertão e dos sertanejos; possibilitam a compreensão da importância de normas e valores criados pelo grupo para a manutenção da existência individual e coletiva. As ações de solidariedades apresentadas aqui revelam que mesmo diante de mudanças substanciais na configuração espacial e econômica local estas práticas resistiram, fazendo e se refazendo no tempo. As vozes dos sertanejos indicam também a importância da memória e da oralidade no mundo rural, e ainda, a importância, para nós pesquisadores da história recente, do uso da História Oral como instrumento para a apreensão de uma realidade que se fez e refez, historicamente, na transmissão oral dos costumes, valores, saberes, etc.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilmar. Cidade e Sertões: O Historiador entre a história e a memória. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP/EDUC, n. 19, nov. 1999.

CALDEIRA, Clovis. Ajuda mútua nas atividades agrícolas. In: SARMENTO, Walney Souza Moraes (Org.). **Sociologia Rural**: Seleção de Textos. 2ª ed. Salvador: UFBA, 1983.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da Memória** (Conto e poesia popular). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

JOUTARD, Philippe. **Reconciliar História e Memória?** In: I ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA ORAL. Conferência. Tradução de Tânia Gandon, 29 e 30 de Agosto de 2002.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981. (Coleção Estudos).

NASCIMENTO, Humberto Miranda do. **Conviver o sertão**: origem e evolução do capital social em Valente, Bahia. São Paulo: Annablume/FAPESP; Valente: APAEB, 2003.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e ventura camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações – Bahia: 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.